



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à agência espanhola EFE

Manaus-AM, 26 de novembro de 2009

Jornalista: Bom dia, Presidente. Em primeiro lugar, queria fazer uma pergunta ao senhor, referente à Cúpula Ibero-Americana. O tema central da reunião de Portugal vai ser inovação e conhecimento. Prevê-se também que haverá um debate sobre como essas ferramentas podem ajudar a encontrar uma saída para a crise – não vai ficar só restrita a esses temas – e o Brasil é um país que resolveu de uma maneira muito rápida e muito bem feita a crise. A gente gostaria de saber quais são as propostas que o senhor vai levar para essa reunião do Estoril, a Cúpula Ibero-Americana, e como o senhor acha que as respostas que o Brasil deu à crise podem servir de exemplo para outros países, tanto desenvolvidos como em desenvolvimento.

Presidente: Vamos apenas separar a questão da crise da questão da inovação. A inovação é uma coisa em que nós estamos extremamente interessados no Brasil, de mostrar, sobretudo ao pequeno e médio empresário brasileiro, que a alta competitividade que ele precisa ter para ter uma inserção no mercado mundial carece de investimentos em inovação. Nós aprovamos um grande número... aprovamos um montante de dinheiro razoável no Ministério da Ciência e Tecnologia para financiar a inovação e a inovação tecnológica; estamos trabalhando junto com a Confederação Nacional das Indústrias no Brasil para que a gente possa motivar os pequenos empresários a acreditarem na inovação como forma de colocar os seus produtos no mercado estrangeiro; e nós sabemos que a inovação é condição básica para que a gente seja mais competitivo. O que é preciso é que a gente tenha, na Ibero-Americana, uma decisão de que os governos vão colocar dinheiro para financiar a inovação nas



empresas. É preciso dinheiro, é preciso muita engenharia, é preciso muita criatividade, e tudo isso vai ter que ser feito pelos governos se nós quisermos ser mais competitivos no mundo globalizado.

Com relação à crise, eu penso que o que o Brasil fez já está feito, ou seja, as pessoas já sabem o que o Brasil fez. Nós tínhamos certeza da robustez da economia brasileira, da robustez do sistema financeiro brasileiro e, portanto, aquilo que nós preconizávamos, que a crise chegaria por último aqui e sairia primeiro, aconteceu, e nós tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar. Quando foi preciso o Estado comprar bancos, nós compramos bancos; quando foi necessário o Estado desonerar, nós desoneramos, e veja que nós fizemos desonerações pactuadas entre empresários e trabalhadores. Ou seja, cada setor que nós desoneramos, nós garantimos que os trabalhadores iriam ter seus empregos mantidos. Bem, e isso deu certo, deu certo. Ainda ontem, anunciamos novas medidas de desonerações para alguns setores considerados importantes da economia, e eu acho que é assim que o Estado age quando tem crise. O Estado não é uma coisa abstrata que não vale nada, como alguns governantes imaginavam. O Estado é que tem o poder de induzir, e que tem o poder de regulamentar e de fiscalizar. Se o Estado não quiser cumprir essa função, a pergunta que se faz é: para quê Estado?

Então, eu acho que o Brasil fez as coisas certas, e estamos atentos. Nós estamos trabalhando com a ideia de que aqui no Brasil a crise já acabou, mas, ao mesmo tempo, ficando alerta porque, a qualquer sinal de fragilidade de algum segmento da sociedade, nós queremos dar resposta imediata. Eu estou muito feliz porque neste ano de crise nós vamos terminar o ano gerando 1,3 milhão novos empregos no Brasil, formais, o que é um fato extraordinário se comparado ao mundo todo, que está em uma fase de desemprego. A massa salarial tem crescido, o salário mínimo tem crescido e o poder de consumo da sociedade, sobretudo das classes D e E, tem crescido. E isso fortaleceu nosso mercado interno, e vamos continuar assim, prevendo um 2010 muito bom para



o Brasil.

Jornalista: Agora, Presidente, quanto à situação do Oriente Médio. O senhor recebeu, em menos de três semanas, duas semanas, os presidentes de Israel, da Palestina e do Irã. São três setores muito importantes no conflito do Oriente Médio. Os três pediram a mediação do senhor para o processo de paz. Qual pode ser a contribuição que o Brasil pode dar para conseguir a paz no Oriente Médio, se levamos em conta que grandes potências fracassaram nesse objetivo? E depois dessas três visitas, mudou em algo a percepção que o senhor tem do conflito na região?

Presidente: Veja, é muito difícil, é muito difícil a paz no Oriente Médio. Eu estou convencido de que hoje, mais do que em qualquer outra época, nós precisamos sentar à mesa com aqueles que não querem a paz. Porque, o que tem acontecido de fato? De fato, você tem o presidente Shimon Peres, que quer a paz; você tem o povo israelense, que quer a paz. Agora, dentro do governo, tem gente que trabalha para não ter a paz. Você tem a Autoridade Palestina querendo a paz, e você tem a maioria do povo palestino querendo a paz. Mas você tem o Hamas, que faz muitas imposições para poder ter a paz. De um lado você tem o Irã, de um lado você tem a Síria, do outro lado você tem o Catar, do outro lado você tem os Estados Unidos. O que eu tenho notado é que todas as reuniões são feitas com quem quer a paz. Mas se quem não quer a paz não se sentar à mesa de negociação para se estabelecer um paradigma aceitável para todos, nunca vai ter paz. O que eu me propus, na verdade? Veja, eu me propus a contribuir se os interessados estiverem dispostos a aceitar a contribuição do Brasil. Acho que para haver paz é preciso saber qual é a proposta do Hamas. Em quê o Hamas pode construir uma proposta junto com a Autoridade Palestina, para que o povo palestino tenha uma proposta única. A mesma proposta única para Israel. O que nós



poderemos conversar com os países periféricos que têm incidência política nas decisões palestinas, nas decisões de Israel? Os Estados Unidos são muito importantes, extremamente importantes, mas não podem ter hegemonia na discussão da paz. É preciso envolver outros atores, até porque os atores que estão negociando a paz há tantas décadas já estão desgastados. Já teve prêmio Nobel, já teve tudo, e a paz não acontece.

Então, eu penso que... nós fizemos uma proposta, tivemos uma discussão em Annapolis, nos Estados Unidos, em 2007, ficou de fazer a segunda reunião em Moscou, e até agora não aconteceu. Então, eu... Gostei muito da conversa com os três líderes que eu recebi no Brasil, mas eu acho que é preciso colocar novos atores para saber se é possível realmente a gente encontrar a paz. A ideia que eu tenho é que a ONU é que deveria estar assumindo a responsabilidade de coordenar o processo de paz no Oriente Médio. Aquilo não pode ser privilégio desse ou daquele país. Se a ONU, enquanto instituição maior, multilateral, se ela tivesse uma reforma e tivesse uma direção mais representativa, se estivessem representados os países de acordo com a sua força política no cenário global, seria muito mais fácil a ONU tomar decisão, do que achar que são os Estados Unidos ou que é quem quer que seja. É um problema difícil, e eu acho que falta mais gente à mesa para encontrar uma solução definitiva.

Jornalista: Nesse caso, a mediação do senhor poderia ser, digamos, esse ponto de partida para que a ONU entre naquela parte que corresponderia a ela, que o senhor falou?

Presidente: Veja, eu penso que a ONU hoje está muito enfraquecida do ponto de vista político. Veja, a ONU tem a cara de uma geopolítica de 1948. A política mudou muito. Em 2010, a cara do mundo é outra. Como é que se explica uma ONU sem a Índia, sem o Japão, sem Alemanha, sem África do Sul, sem Brasil,



sem Nigéria? É preciso, então, recompor a formação das Nações Unidas para que ela seja mais representativa e que o Conselho de Segurança seja forte para [que], quando tomar decisão, possa ser executada. A ONU, debilitada, não ajuda em nada.

Jornalista: Presidente, mudando um pouco de assunto, o senhor tem feito um grande esforço para que a Cúpula de Copenhague não fracasse. Há muito temor de todo mundo de que pode não dar em nada. E o senhor tem se engajado pessoalmente, ligando para o presidente Obama, para o presidente Hu Jintao, da China. Agora, o presidente Obama anunciou que vai assistir em Copenhague, como era o seu desejo também, no seu discurso, anunciou uma meta para a redução de ... para reduzir, até 2020, a emissão de gases de efeito estufa. E a China também ontem anunciou umas metas. O senhor considera que esses anúncios são suficientes para salvar a reunião? Ou que se pode fazer algo mais?

Presidente: Olhe, primeiro, é preciso ter muito cuidado para respeitar as decisões soberanas de cada país. Se nós estivermos todos juntos em torno de uma mesa, tanto os americanos podem exigir de nós, como nós poderemos exigir deles. Mas, se eles tomam uma decisão unilateral, eu sou obrigado a respeitar a soberania do país de tomar a decisão, e posso não concordar com ela. Eu acho que, pelo que eu li na imprensa, o presidente Obama vai a Copenhague no dia 9, é fora da reunião de chefes de Estado. Os chefes de Estado estarão em Copenhague no dia 16 e no dia 17. Seria importante que o Obama estivesse lá, seria importante que o Hu Jintao estivesse lá, seria importante que todos estivessem lá, porque é o momento de a gente fazer uma discussão séria sobre os efeitos do aquecimento global. Acho que a proposta do presidente Obama talvez seja o máximo que ele possa fazer, em função das circunstâncias políticas americanas. Mas está muito aquém daquilo que é a



responsabilidade histórica e o papel dos Estados Unidos neste mundo globalizado, está muito aquém. Como está muito aquém a proposta dos países desenvolvidos da Europa.

O que o Brasil fez? Nós tomamos uma decisão voluntária de apresentar ao mundo uma proposta, uma proposta séria que leva em conta a diminuição das emissões, até 2020, de 36.1% a 38.9[%], começando por redução do desmatamento na Amazônia; diminuição do desmatamento em um outro bioma nosso, no cerrado brasileiro; mudando a nossa agricultura para fazer o plantio direto; mudando a matriz energética de produção de aço – em vez de carvão mineral, carvão vegetal. E, ao mesmo tempo, nós somos um país que já temos uma matriz de energia elétrica 85% limpa; temos a matriz total 47% limpa, contra um mundo que tem menos que 12[%]. Eu poderia pegar o Reino Unido, que é o país da Revolução Industrial: enquanto o Brasil tem 85% da sua energia elétrica renovável, a Inglaterra só tem 2%.

Então, fica claro que as responsabilidades são de todos, mas alguns têm mais responsabilidade do que outros. Ou seja, quem poluiu mais e quem poluiu historicamente mais, tem que pagar para que o mundo seja despoluído.

Jornalista: Presidente, quanto ao presidente Barack Obama, dos Estados Unidos, já vai fazer quase um ano que ele chegou ao poder, e acho que não se pode esconder, não é segredo para ninguém, que existe um certo descontentamento de todo o mundo, do mundo em geral, no que se esperava dele. Como o senhor vê essa situação do governo Obama? Está decepcionado com o que se tem feito até agora? Está satisfeito? E como estão as relações com o Brasil? Começaram muito boas, o Obama falou: “o presidente Lula é o cara”. Quando ele virá ao Brasil?

Presidente: Olhe, eu continuo tendo uma expectativa altamente positiva com relação ao governo do presidente Obama. Eu ainda não tenho nenhuma razão



para não acreditar que ele vai significar mudanças importantes nos Estados Unidos. Agora, o presidente Obama precisa compreender uma coisa, que a gente só compreende quando chega ao governo. Quando você chega ao governo é quase 100% de expectativa, é quase 100% de expectativa, porque o povo espera que você consiga fazer milagres. O primeiro ano é um primeiro ano em que você tem um capital político muito forte, que você pode utilizá-lo para fazer medidas que sejam desagradáveis ao povo. Eu troquei o meu capital político por medidas econômicas que foram muito duras, mas que foram necessárias de serem feitas. E depois, você tem três anos para recuperar.

Eu acho que o presidente Obama... como a parte mais pobre dos países do mundo inteiro é mais exigente porque ela tem mais pressa, ou seja, quem não tem saúde não pode esperar, quem tem fome não pode esperar, quem está desempregado não pode esperar, então, essas pessoas, às vezes, sentem uma frustração maior. Mas eu acho que o presidente Obama tem todo o tempo do mundo para fazer tudo aquilo que ele prometeu fazer durante a campanha eleitoral. Foi por essa necessidade de mudança que o povo americano votou no Obama, ele sabe disso porque é muito inteligente, e ele sabe que ele tem que cumprir grande parte das promessas feitas. Ele tem três anos ainda. O primeiro ano é o ano mais difícil, o segundo ano começa a melhorar, o terceiro ano começa a melhorar, e o quarto ano é o ano da reeleição, então você tem que estar bem. Ele sabe disso, ele é muito inteligente e tem muita assessoria para isso.

Agora, o dado concreto é que, também, quatro anos é muito pouco, é muito pouco. Se não começar a fazer agora, fica difícil fazer. O Brasil tem uma extraordinária relação com os Estados Unidos, eu já convidei o Obama para vir ao Brasil duas vezes, já disse ao presidente Obama que ele tem que ter um olhar carinhoso para a América Latina, nem tanto o Brasil, mas tem muitos países da América Central que dependem única e exclusivamente da economia americana.



Então, portanto, os Estados Unidos têm mais responsabilidade do que a gente possa imaginar. Não é uma responsabilidade interna, se bem que a prioridade é o público interno, mas é preciso olhar a família periférica que faz parte da família americana e que muitas vezes depende das decisões americanas. Eu estou otimista e acho que o Obama tem todo o tempo do mundo para concretizar um bom governo.

Jornalista: Presidente, quanto à situação de Honduras, o governo americano já deu sinais de que pode reconhecer o governo que saia eleito agora, no próximo domingo. E, segundo a imprensa, o presidente Obama enviou para o senhor uma carta na qual, entre outros assuntos, propõe, ou sinaliza, que as eleições sejam a estaca zero para resolver a crise. Pode mudar a posição do Brasil com respeito à crise de Honduras? Ou que caminho pode tomar o Brasil, se chegar o dia 29 de janeiro, o presidente eleito toma posse, e o presidente Zelaya não tenha sido restituído ao poder?

Presidente: Eu vou dizer para você qual é a decisão do Brasil, que não é só do Brasil, é a decisão da Unasul, a decisão de quase toda a América Latina. Certamente que alguns países poderão mudar...

Jornalista: (incompreensível), pode ser que mude.

Presidente: O dado concreto é o seguinte. O Brasil e o mundo fizeram uma exigência: era preciso restabelecer a volta do presidente Zelaya, ele coordenar o processo eleitoral, para que nós pudéssemos restabelecer a normalidade e a confiança diplomática com Honduras. Do jeito que está sendo feito, o Brasil não reconhecerá o resultado eleitoral e o Brasil manterá a sua posição de não relações com Honduras. E por que nós fazemos isso? Não é porque eu seja mais radical, mais bonito ou mais feio do que os outros. É porque o meu país já



viveu 23 anos de regime autoritário. A América Latina e a América Central têm experiências de sobra de golpistas que usurparam o poder, rompendo com qualquer princípio democrático. E se a gente aceita isso, por que não pode acontecer em outro país amanhã? Se nós encararmos como normalidade o golpe de Honduras, amanhã qualquer golpista fala: “Bom, eu vou dar um golpe, e todo mundo vai achar que é assim mesmo”. Não é possível, não é possível. Os países democráticos do mundo precisam repudiar, de forma veemente, o que aconteceu em Honduras. Portanto, a posição do Brasil fica inalterada. Nós não aceitamos a história de golpe.

Jornalista: Presidente, continuando com nossos assuntos regionais... uma das prioridades do seu governo, desde o início, sempre foi a integração da América do Sul, tanto a integração física, a integração comercial, a integração em todos os níveis. Mas, nos últimos anos, tenho visto que... muitas dificuldades nesse processo de integração. Não estou dizendo que seja culpa do Brasil nem de ninguém, mas que o processo não tem andado como deveria ser, no caso do Mercosul, por exemplo. A Unasul também não se consolidou até agora. Tudo bem, tem um ano, mas tem muitas dificuldades.

_____ : (incompreensível) cinquenta...

Jornalista: Mas o senhor está satisfeito com o nível da integração regional, nesse momento, que a Unasul está fazendo?

Presidente: Lógico, lógico, muito satisfeito, muito satisfeito. Eu trato o Mercosul e trato a Unasul no tempo histórico, eu não trato no meu mandato. Muito mais difícil foi consolidar a União Europeia, eles levaram cinquenta anos. Você imagine como foi difícil a primeira vez em que os franceses se sentaram com os alemães. Ao mesmo tempo que era muito difícil, era muito necessário



que eles se sentassem, porque sem eles não haveria União Europeia.

Ora, aqui na América do Sul nós ficamos muito tempo subordinados aos Estados Unidos e à Europa. A doutrina na América do Sul, muitas vezes, era ter o Brasil como um império, o Brasil era o adversário. Então, restabelecer essa política de confiança entre nós, fazer com que os países conversem entre si e estabelecer parâmetros para uma boa convivência é o que nós estamos fazendo. Vai levar algum tempo, mas nós vamos ter o Parlamento do Mercosul, nós vamos ter o Parlamento da Unasul. Nós já criamos o Banco da Unasul. Então, todas essas coisas vão acontecendo com o tempo. Eu imagino que você pode demorar cinco anos, dez anos, quinze anos para consolidar, porque há um tempo de maturação da confiança entre os governos, depois entre os políticos, depois entre os empresários e o povo com os outros povos.

Aqui na América do Sul, eu estou convencido de que todos os presidentes da América do Sul têm que ter na cabeça que somente muita democracia e muita paz é que vão permitir que a gente, no século XXI, se transforme em economias ricas, como todo o povo sonha. E para isso é preciso ter muita paciência política, muita disposição de conversar, muitas reuniões, muitos acordos, até que um dia tudo isso esteja maturado e as coisas aconteçam. O que não pode é a gente repetir os erros do século XX, em que todos os governantes da América Latina achavam que tinham que ficar ligados aos Estados Unidos, que era a salvação. E não é. Quando veio a crise econômica, os Estados Unidos trataram de salvar a sua pele, o que era normal.

Então, nós precisamos procurar outros parceiros, outros aliados, outros amigos, para que a gente não fique dependente apenas de um. É o que nós estamos trabalhando na América do Sul. É um trabalho duro e é um trabalho de longo prazo, não é um trabalho de curto prazo.

Jornalista: Presidente, já que o senhor fala desses vínculos que os países da América Latina, muitos tiveram muito fortes com os Estados Unidos no



passado, o assunto das bases na Colômbia, já ficou fechado o caso ou ainda tem alguma dúvida?

Presidente: Não, nós temos dúvida, tanto é que nós pedimos esclarecimento à Colômbia e aos Estados Unidos. Nós queremos que, no tratado entre os dois países, fique explícito que é uma coisa eminentemente interna, para que a gente possa ter direito internacional e questionar isso. Obviamente que nós respeitamos a soberania da Colômbia. Agora, acho que o que vai diminuir a necessidade de bases americanas na Colômbia é a hora em que o nosso Conselho de Defesa estiver funcionando corretamente, o nosso Conselho de Combate ao Narcotráfico estiver funcionando corretamente, o nosso comércio estiver fluindo com muito mais rapidez e com muito mais volume, a gente vai, então, mostrar que é desnecessário ter base aqui. Eu vou dar um exemplo para você que eu acho às vezes, assim, um pouco absurdo: você tem empresários no México que têm mais medo das indústrias brasileiras do que das indústrias americanas.

_____ : Colômbia foi assim.

Presidente: Você tem empresários na América do Sul em que, ao longo do século XX, os empresários foram doutrinados a ter medo do Brasil e a achar que os Estados Unidos que eram maravilhosos para eles. Quando, na verdade, o que nós queremos é ser tratados em igualdade de condições, disputar as mesmas oportunidades e, graças a Deus, os países da América do Sul estão descobrindo que o Brasil é um parceiro e não um bicho-papão.

Jornalista: E quanto à situação da Venezuela e Colômbia, o senhor tem a intenção de conversar, fora daqui desta reunião de Manaus, com os presidentes Chávez e Uribe?



Presidente: Olha, eu estou surpreso porque ontem à noite eu recebi o recado de que o Uribe não vinha mais porque sofreu um incidente. Agora, exatamente às 11h30, eu estou recebendo a informação de que o Chávez...

_____ : Às 11h30 de Brasília.

Presidente: ...sabe, de que o Chávez não vem. Não sei se porque o Uribe não vem. De qualquer forma, eu acho que o companheiro Chávez e o companheiro Uribe têm que entender que a guerra não é construtiva; a disputa insana não é construtiva; somente a paz é que pode permitir que dois povos cresçam, se desenvolvam e melhorem a sua qualidade de vida.

Jornalista: Presidente, mudando já um pouco de assunto, já saindo da área internacional, o senhor está entrando no último ano do seu mandato, e gostaria de saber, quando o senhor sair do poder, de que vai sentir saudades e de que vai se sentir aliviado de ter saído da Presidência.

Presidente: Eu preciso sair para saber. Antes de sair vai ser muito difícil dizer do que eu vou sentir saudades. Mas eu acho que um ex-governante, ele já contribuirá muito com o Brasil se ele deixar a Presidência e ficar quieto, não der palpites sobre o próximo governo, e é assim que eu pretendo proceder. O que eu vou fazer eu não sei. A única coisa que eu tenho certeza é que eu vou continuar fazendo política. É a única coisa que eu tenho certeza.

Jornalista: Agora, o senhor, no seu mandato, tem conseguido muitas coisas para o Brasil no campo político, econômico, até esportivo. O que o senhor considera que gostaria de ter feito, mas que até agora não conseguiu fazer pelo Brasil nestes sete anos de governo?



Presidente: Tem muita coisa, tem muita coisa que nós fizemos e tem muita coisa que nós não fizemos, não é? Eu gostaria que o PIB crescesse mais do que cresceu. Eu gostaria que nós tivéssemos tido mais dinheiro para fazer mais coisa. Agora, o que falta fazer, outro governante vai fazer. O que eu estou tranquilo é que nós fizemos mais do que qualquer brasileiro poderia imaginar que nós fôssemos capazes de fazer. O Brasil deu um salto de qualidade extraordinário no nosso mandato e eu acho que quem vier depois de mim vai ter um novo paradigma, ou seja, tem mais escola, tem mais crianças nas escolas, tem mais universidades, tem mais escolas técnicas, tem mais estradas, tem mais ferrovias, tem mais energia.

Então, quem vier, vai pegar um Brasil infinitamente melhor do que o que eu peguei, e é assim que eu acho que deva ser. Quem vier depois de mim tem que fazer muito mais do que eu, quem vier depois da pessoa tem que fazer muito mais, para que o Brasil se transforme em uma economia muito forte nos próximos dez anos.

Jornalista: E há possibilidade, por exemplo, de pensar, em 2014, o senhor voltar, inaugurar os Jogos Olímpicos no Rio, já que o senhor teve tanto protagonismo...

Presidente: Seria imprudência da minha parte ficar pensando em 2014. Eu agora dependo de uma única pessoa, que é Deus, me dar saúde para ficar vivo muitos anos. Mas a política, eu não poderia discutir 2014, até porque, se eu conseguir eleger minha candidata – e eu tenho certeza que ela eleita vai fazer um bom governo –, ela tem o direito de pleitear a reeleição, e eu já estarei contente se for cabo eleitoral.



Jornalista: Tenho duas perguntas mais para fazer para o senhor. Uma tem a ver, já que mencionei o tema dos [Jogos] Olímpicos... justamente depois que o senhor teve aquela atuação em Copenhague, o Rio recebeu a sede dos [Jogos] Olímpicos em 2016, aconteceram aqueles fatos de violência no Rio; logo depois veio aquele assunto do apagão, e algumas pessoas aproveitaram essa circunstância para questionar a capacidade do Rio, a capacidade do Brasil de fazer os [Jogos] Olímpicos. O que o senhor tem a dizer para essas pessoas?

Presidente: Não, para essas pessoas, nada.

Jornalista: Para mostrar para...

Presidente: Eu tenho que dizer ao povo brasileiro que nós vamos fazer as melhores Olimpíadas que já foram feitas em qualquer momento. O Brasil tem condições materiais, condições econômicas, condições esportivas. Nós vamos fazer uma grande Olimpíada. Veja, o que aconteceu na energia brasileira não foi falta de geração nem falta de transmissão, foi um incidente. Não é porque caiu um avião que você vai parar de andar de avião. Você vai continuar andando de avião. Ou seja, aconteceu um incidente, nós temos que ver quais as causas desse incidente, tentar fazer todos os reparos de possíveis falhas que tenham acontecido no sistema. Porque nós temos o melhor sistema do mundo. Não existe nenhum sistema melhor do que o brasileiro. Agora, contra o poder das intempéries, meu filho, o ser humano ainda não resolveu, o ser humano ainda não consegue resolver problemas que independem da vontade humana ou do conhecimento humano.

Mas nós temos garantia, total garantia e tranquilidade de que estamos mais do que preparados para fazer Jogos Olímpicos invejáveis. E oferecer aos atletas, em vez de hidromassagem, as melhores praias do mundo para eles se recuperarem depois de cada medalha.



Jornalista: Uma última pergunta, Presidente, e gostaria de pedir permissão para ... Podemos gravar essa última pergunta?

Presidente: Pode, pode.

Jornalista: Esta é uma pergunta que tem muito interesse para a Espanha, relacionada à Espanha, concretamente o fato de a EFE ser uma empresa espanhola. Tendo em conta a relação do Brasil com os países europeus, notadamente a França é um parceiro muito importante para o Brasil. E gostaria de saber se esse vínculo tão estreito que o Brasil tem com a França não tem causado, digamos, um esquecimento dos outros países europeus, no caso da Espanha, que tem uma aliança estratégica com o Brasil. Como o senhor vê a relação do Brasil com a Espanha nesse momento?

Presidente: Olha, o Brasil tem relação estratégica com a União Europeia e o Brasil tem relação estratégica com vários países europeus nas suas relações bilaterais, inclusive com a Espanha. Nós temos uma extraordinária relação com a Espanha, como temos uma relação extraordinária com o Reino Unido, com a Alemanha, com a Suécia, e com tantos países.

Agora, com cada um você faz a parceria estratégica e faz os acordos bilaterais em função das necessidades do país e da possibilidade do outro país. Nesse instante, nós estamos trabalhando muito com a França sobre a questão do submarino nuclear. Nós queremos ter submarino de proporção nuclear e a França tem tecnologia, nós estamos concretizando o acordo e vamos começar a produzir o navio aqui. Mas nós temos parceria estratégica com a Espanha em outros assuntos. Os aviões-caça, por exemplo, é com a Espanha. O fato de a gente ter uma relação estratégica com a França não diminui a nossa parceria estratégica com a Espanha, nem com Portugal, nem



com a União Europeia. É que nós temos interesses bilaterais difusos. Uma coisa é com a França, outra coisa é com a Espanha, outra coisa é com a Alemanha, outra coisa é com o Reino Unido, outra coisa é com a Itália. Mas a Espanha é um parceiro histórico e um parceiro muito importante para o Brasil, e nós queremos cada vez mais fortalecer porque a Espanha... os espanhóis são os segundos investidores do Brasil e nós queremos preservar isso.

Jornalista: Está bem.

Presidente: Está bem?

Jornalista: Está bom, Presidente. Muito obrigado, eu lhe agradeço muito.

(\$31DHJMP)